

A Confissão de Augsburg

A Fé – A Vida e a Missão da IECLB*

Martin N. Dreher

No ano de 1980 comemoramos os 450 anos da Confissão de Augsburg. Este documento, entregue ao Imperador Carlos V no dia 25 de junho de 1530, na cidade de Augsburg (Alemanha), é documento básico de nossa fé evangélico-luterana. Quando lemos os estatutos de nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), deparamo-nos no Título I, Capítulo I, Artigo 2º, com a indicação de que o "fundamento da IECLB (é) o Evangelho de Jesus Cristo na forma das Sagradas Escrituras do Velho e Novo Testamentos". O texto continua: "Reconhecendo este fundamento, confessa (a IECLB) a sua fé no Senhor da universal, una, santa e apostólica Igreja. – A IECLB confessa a sua fé pelos credos da Igreja Antiga (Credo Apostólico, Niceno-Constantinopolitano e Atanasiano) e, como credo da Reforma, pela Confissão de Augsburg ("Confessio Augustana"), considerando-se vinculada pela fé às igrejas do mundo que confessam Jesus Cristo como Senhor e Salvador. – O Catecismo Menor de Martin Lutero é reconhecido nas suas comunidades como confissão da Reforma"(1).

Temos aí, pois, as Sagradas Escrituras como fundamento de nossa fé e os credos Apostólico, Niceno-Constantinopolitano e Atanasiano, a Confissão de Augsburg e o Catecismo Menor de Lutero como instrumentos, através dos quais confessamos a nossa fé. A Bíblia a base, os demais documentos instrumentos.

Estudaremos aqui um dos instrumentos, através dos quais confessamos a nossa fé: A Confissão de Augsburg que, ao lado do Credo Atanasiano, é um dos instrumentos de confissão de fé menos conhecidos na IECLB.

(*) Palestra proferida no 1º Concílio Regional da Região Eclesiástica V da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Toledo-PR (20 de outubro de 1979).

(1) **Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**, (Porto Alegre, s.d.), pág. 1.

1.

Eu inicio esta caminhada, perguntando: **Que é isso: uma confissão?** Uma palavra de Jesus pode auxiliar-nos nesse sentido. Encontramo-la em Mt 10,32s: "Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus." Segundo esta palavra, uma "confissão" é dizer sim ou não para Jesus de Nazaré, tomar partido em favor ou contra Jesus, significa, em outras palavras: **discipulado**. Confessar, confissão é aquilo que acontece em Mc 8,29, onde Jesus pergunta: "Mas vós, quem dizeis que eu sou?" e Pedro responde: "Tu és Cristo".

Se "confissão" é dizer sim ou não a Jesus, é seguir a Jesus, é confessar-se discípulo de Jesus, como é que um documento, uma série de artigos, como é a Confissão de Augsburgo, pode ser denominada de "confissão"?

2.

Aqui é necessário que **perguntemos um pouco a história**, a época em que surge este documento. Desde 1517 a situação religiosa estava bastante agitada na Alemanha. A publicação das 95 teses de Lutero que queriam discutir a respeito da venda do perdão dos pecados (indulgências), havia feito surgir uma série de perguntas. A principal dentre estas perguntas era a pergunta de frei Martinho Lutero, a pergunta com a qual ele lutava no convento e como professor de teologia, era a questão: Como entender Deus? Quem é Deus? Será que Deus é realmente um Deus carrasco; é assim que se deve entender a palavra bíblica de Rm 1,17 que diz que Deus é um Deus justo? Um Deus que é bom quando somos bons, e, carrasco quando somos maus? – Esta pergunta de Lutero: "Quem é esse Deus?" era, em última análise a pergunta: "Quem é esse frei Martinho?", "Quem sou eu?" Esta pergunta de Lutero encontrou resposta, quando ele entendeu Rm 1,17. Aí ele descobriu que o Deus justo é o Deus que não quer que o homem morra, mas que viva! Lutero diz que quando ele descobriu isso, as "portas do paraíso" se abriram para ele. Ele agora não era mais um homem angustiado, mas um homem alegre, ele se sabia uma pessoa amada por Deus, uma pessoa por cuja salvação Deus já havia feito tudo(2).

Lutero não ficou com esta descoberta para si; ele a anunciou. Sua descoberta se alastrou como pólvora por toda a Alema-

(2) WA 54.185.12 – 186.20

na. Sempre que o Evangelho de Jesus Cristo se liberta não há mais quem o segure. Ele toma contado apóstolo Paulo, de Agostinho, de Lutero e de milhares de contemporâneos de Lutero.

Onde o Evangelho age, ali ele também provoca mudanças. E, na Alemanha começaram a ocorrer mudanças; porque a partir do Evangelho iam se descobrindo novas realidades. Eu cito algumas: 1. – Até agora se dissera: "A Igreja disse", "a Igreja decidiu", "a Igreja ensina". Quando estas frases eram usadas, pensava-se em uma igreja hierárquica, onde se cria o que Papa e Concílio decretavam(3). Agora se constatou: Igreja surge ali, onde pessoas são santificadas pelo evangelho de Jesus Cristo. Igreja é comunhão dos santos(4). 2. – Quando se ouvia a respeito da Santa Ceia, podia-se ler que Jesus teria dito a respeito do cálice: "Tomai e bebei dele todos". Por que, no entanto, os leigos só recebiam o pão na ceia?(5). 3. – Se na Bíblia está escrito, 1 Tm 3,2, que o bispo pode ter uma esposa, como é que se castiga os padres e pastores que querem casar?(6). 4. – Se somos justificados por Deus em Cristo, se, portanto, nossa salvação é presente de Deus, como se pode dizer que aqueles que levam vida de monge tenham tal mérito perante Deus que obtenham por sua vida de monge, graça de Deus? Será que aqui o sacrifício de Cristo não é esvaziado?(7).

Que bastem esses exemplos. Surgira, a partir da visão da justificação, uma nova concepção de Igreja, de Santa Ceia, do casamento dos pastores, decretava-se o fim dos conventos. Com isso ocorriam mudanças. E, a Alemanha se via dividida em dois campos, os adeptos da velha e da nova fé. O culto passou a ser oficiado em língua alemã, havia Santa Ceia sob as duas espécies, pastores casando, comunidades escolhendo seus pastores. Tudo isso ocorreu livremente, espontaneamente. O povo criava novos hinos, onde se cantava da liberdade trazida por Deus em Cristo, liberdade que também se deveria refletir no dia-a-dia. Muitos

-
- (3) Cf. Hubert Jedin, *Ekklesiologie um Luther*, em: Fuldaer Hefte. Schriften des theologischen Konvents Augsburgischen Bekenntnisses, Heft 18, (Berlin e Hamburgo 1968), pág. 11.
- (4) Cf. o escrito de Lutero, *Dos Concílios e da Igreja*, WA 50,509-653. E ainda: Mário L. Rehfeldt, *O desenvolvimento do conceito de Igreja de Lutero até 1521*, em: Monografias Luteranas, nº 5, (Porto Alegre 1966); Joachim Fischer, *O conceito "Igreja" de Lutero segundo seus escritos "Dos Concílios e da Igreja" e "Contra Hans Worst"*, em: Estudos Teológicos. Ano 6, 1966, pág. 161-175.
- (5) Cf. o escrito de Lutero, *Do cativoiro babilônico da Igreja. Um prelúdio*, WA 6,497-573.
- (6) Cf. o interrogatório feito pelo bispo Adolf von Merseburg aos pastores Johann Stumpf de Schönbach e Franz Klotzsch de Grossbuch, em: Helmar Junghans, *Die Reformation in Augenzeugenberichten*, (München, 1973), pág. 197-200.
- (7) idem. Cf. também as teses de Balthasar Hubmaier, em: Helmar Junghans, op.cit., pág. 200-202.

cristãos lendo a Bíblia e encontrando a proibição de imagens, foram mais longe e começaram a destruir as imagens, altares, etc.

Esta liberdade significou um perigo para os cristãos da nova fé. Desde o século IV (Teodósio I, 379-395 d.C.) fé católica e fidelidade ao Estado eram uma e a mesma coisa(8). Quem passava a ensinar coisa diferente daquela que até agora fora ensinada, em questões de fé, era herege, e, ao mesmo tempo, traidor da pátria. Dentro desta tradição se encontrava também o Sacro Império Romano Germânico que, em 1530 era chefiado pelo Imperador Carlos V(9). Caso um príncipe se afastasse da doutrina oficial, todo o Império deveria fazer guerra contra ele. Desse Império Germânico faziam parte diversos territórios e cidades alemãs que já haviam aderido à Reforma. Sua adesão à Reforma se dera sem maiores problemas, pois todos sabiam que de momento o Imperador não tinha grandes chances de intervir na Alemanha. Assim a Reforma fora se alastrando.

Por que, perguntamos, pôde o Imperador Carlos V deixar que príncipes alemães e conselhos municipais introduzissem a Reforma em seus territórios? Isso se deve a um fato político. Quando Carlos V foi eleito Imperador tinha ele um rival (Francisco I, rei da França), que também pretendia o trono imperial. Francisco I, por seu turno, tinha o apoio do Papa em suas pretensões. A conseqüência desta rivalidade foi um longo período de guerras que envolveram Carlos V de tal maneira que não pôde intervir na Alemanha. Em junho de 1529 a situação, porém, mudou. Neste mês Carlos V conseguiu assinar a Paz de Bolonha com o Papa Clemente VII. Dois meses mais tarde ele assinava a Paz de Cambray. Era a vitória sobre Francisco I. O Imperador estava agora livre para resolver a situação na Alemanha. Esta liberdade para o Imperador, porém, significou perigo para os príncipes e cidades alemãs que haviam aderido à Reforma. Esta situação de perigo era real, pois o Imperador estava disposto a ir a Alemanha para reparar o ultraje que fora feito a Cristo, ultraje este que, na sua opinião, havia sido feito pelos seguidores de Lutero(10).

Em 21 de janeiro de 1530 o Imperador enviava carta aos príncipes alemães, convocando uma Dieta para a cidade de Augs-

(8) Cf. Hans Lietzmann, *Geschichte der Alten Kirche*, 4/5 Edição. (Berlin e New York, 1975), Vo. IV pág. 36 Henry Bettenson, *Documentos da Igreja Cristã* (São Paulo, 1967), pág. 51s.

(9) Sobre Carlos V, cf. Karl Brandi, *Kaiser Karl V. Werden und Schicksal einer Persönlichkeit und eines Weltreiches*, 4ª edição (München 1942).

(10) Johannes von Walter, *Der Reichstag zu Augsburg 1530*. em: *Luther-Jahrbuch* 12, (München 1930), pág. 8.

burgo, cujo início estava previsto para 8 de abril de 1530. A ordem do dia previa três pontos: 1) Guerra com os turcos, 2) As discussões religiosas e 3) Diversos. Atrasos na viagem do Imperador fizeram com que a Dieta só se iniciasse em junho de 1530.(11)

Assim que o príncipe eleitor da Saxônia, João o Constante, recebeu o convite para a Dieta, procurou entrar em contato com seus partidários: Felipe de Hesse, Ernesto de Lüneburgo, Jorge de Ansbach, Henrique de Mecklenburgo e Wolfgang de Anhalt. Nas cartas enviadas procurava mover seus partidários a se fazerem presentes na Dieta, para juntos poderem difundir a fé evangélica. As respostas dos nobres mostraram que não havia unanimidade de pensamento. Enquanto alguns viam a importância da Dieta na defesa da "fé e do sacramento", outros julgavam ser mais importante quebrar a hegemonia da Casa de Habsburgo, Casa a que pertencia o imperador Carlos V. Entre estes últimos encontramos Felipe de Hesse. Também entre as cidades não havia unanimidade. Essa situação era perigosa. — Diante da inatividade de seus partidários, o príncipe eleitor encarregou a Universidade da cidade de Wittenberg com a elaboração de um documento no qual fossem responsabilizadas as mudanças havidas na Igreja em seu território. Quando ocorriam mudanças na Igreja, em um determinado território, quem deveria responsabilizar estas mudanças era o bispo; no território da Saxônia-Eleitora, porém, não existia bispo. Por isso é que João, o Constante, encarrega a Universidade com a elaboração de um documento no qual fossem responsabilizadas as mudanças. O documento elaborado veio a ficar conhecido com o nome de Artigos de Torgau(12).

Quando se dirigiu para a Dieta em Augsburg, o príncipe eleitor levou consigo, entre outros conselheiros, a Felipe Melancthon, colaborador de Lutero e professor na Universidade de Wittenberg(13). Lutero não pôde ir junto por estar banido. Como sobrasse tempo em Augsburg, o Imperador estava retido nos Alpes —, o príncipe encarregou Melancthon de elaborar um documento que abrangesse artigos anteriormente escritos e que pudesse ser entregue ao Imperador. Este documento pôde ser enviado, em maio de 1530, a Lutero que a ele se referiu da seguinte maneira: "Eu li a Apologia (defesa) de Melancthon, a qual me satisfaz e eu nada sei

(11) *idem*, pág. 12s.

(12) *idem*, pág. 8s.

(13) Quanto a Melancthon cf. Wilhelm Maurer, *Der Junge Melancthon zwischen Humanismus und Reformation*, Vol. I: Der Humanist (Göttingen 1967), Vol. II: Der Theologe (Göttingen 1969). Robert Stupperich, *Melancthon*, Berlin 1960. Peter Meinhold, *Philipp Melancthon. Der Lehrer der Kirche* (Berlin 1960).

como melhorá-la ou modificá-la, o que também não conviria, já que eu não consigo manifestar-me de modo tão manso e suave. Cristo nosso Senhor, ajude que ela traga grandes frutos, como nós esperamos e pedimos.”(14).

A 15 de junho de 1530 o Imperador entrou em Augsburg. No dia seguinte era a festa de Corpus Christi. Exigiu o Imperador que os príncipes da nova fé participassem da tradicional procissão. Os príncipes negaram-se. Foi um ato de coragem, mas também de perigosa desobediência. A chegada do Imperador fez com que os príncipes evangélicos que ainda vacilavam em princípios de 1530, se unissem agora, assumindo em conjunto o documento de Melanchthon. Quanto a esse documento, Carlos V quis que fosse simplesmente entregue. Os príncipes, porém, quiseram confessar sua fé publicamente e conseguiram que o documento fosse lido perante toda a Dieta. Essa leitura ocorreu no dia 25 de junho de 1530, às 15 horas. O texto foi lido em alemão, e entregue também em latim. Após a leitura o imperador proibiu a divulgação da Confissão. Mas, em pouco tempo ela era divulgada em toda a Alemanha(15).

Lutero, quando ficou sabendo da leitura perante a Dieta, jugou-se felicíssimo por ter podido viver na hora em que Cristo fora pregado através “de uma confissão sobremaneira bela”. Nesse fato ele via cumpridas as palavras do Salmo 119,46: “Falarei dos teus testemunhos na presença dos reis, e não me envergonharei”(16).

Perguntamos, anteriormente, com que direito a Confissão de Augsburg recebeu o título de Confissão, pois havíamos constatado que confissão é confessar a Jesus Cristo. Temos agora a resposta: O documento, elaborado por Felipe Melanchthon, quer ser uma confissão de Jesus Cristo. Ele é uma pública confissão a respeito de quem é Jesus Cristo. A confissão, como tal, ainda foi apresentada em hora de perigo. Ali, em Augsburg, nossos pais luteranos fizeram uma pública confissão de fé, de sua fé em Jesus Cristo.

O Imperador não aceitou o documento, mas ele veio a ser a base para as igrejas luteranas na Alemanha e hoje em todo o mundo, também aqui entre nós no Brasil.

(14) Carta de 15 de maio de 1530 ao príncipe eleitor João, em: Martin Luther: *Briefe von der Veste Coburg*, ed. por Friedrich Wilhelm Hopf (München 1967), pág. 18s.

(15) Helmar Junghans, *op.cit.* pág. 401-415.

(16) Carta aberta de Lutero ao Cardeal Alberto de Mainz de 6 de julho de 1530. WA 30/2,398,16. Cf. também carta de Lutero de 6 de julho de 1530 a Conrad Cordatus, em: *Briefe von der Veste Coburg*, ed. por Friedrich Wilhelm Hopf (München 1967), pág. 63-65.

3.

Perguntemo-nos, agora, desde quando esta confissão é documento básico de nossa Igreja. Vamos dar uma caminhada através de nossa história para respondermos a esta pergunta.

Quando a Confissão de Augsburg foi entregue ao Imperador Carlos V, a 25 de junho de 1530, este documento, esta confissão de fé, não era um documento, uma confissão que partira do povo, das comunidades. Quem a entregou ao Imperador foram os nobres, os governantes de então. Este fato, infelizmente, fez com que este documento tão importante não penetrasse a fundo nas congregações luteranas como o Catecismo Menor.

Também entre nós que hoje formamos a IECLB, a Confissão de Augsburg levou muito tempo para se firmar como documento básico de nossa fé. Hoje, através da Confissão de Augsburg, nós confessamos o que é básico para nós. A Confissão de Augsburg é um resumo daquilo em que cremos.

A Confissão de Augsburg aparece pela primeira vez em nossa história no ano de 1868. Nos dias 10 e 11 de fevereiro de 1868 reuniram-se, na Igreja Evangélica de São Leopoldo, nove pastores e nove presbíteros com a finalidade de criarem o primeiro Sínodo de imigrantes evangélicos no Brasil. O homem que liderou este movimento de unificação dos evangélicos luteranos no Rio Grande do Sul foi o Pastor Dr. Hermann Borchard. O Dr. Borchard fora desde 1864 pastor da Comunidade Evangélica de São Leopoldo e também um grande batalhador pela causa evangélica.- No capítulo I, parágrafo 1 dos estatutos deste Sínodo, criado em fevereiro de 1868, aqueles pastores e presbíteros confessavam: "O Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul confessa-se com base no único fundamento das Sagradas Escrituras às confissões principais da Reforma, especialmente à Confissão de Augsburg". Por que "especialmente à Confissão de Augsburg"? Porque os pastores e presbíteros, certamente, haviam reconhecido que a grande maioria dos imigrantes que haviam vindo da Alemanha para o Rio Grande do Sul a partir de 1824, pertenceram a uma comunidade luterana em sua terra de origem. Na Confissão de Augsburg reconheciam eles um resumo básico de sua fé evangélica-luterana

O Sínodo de Borchard não durou por muitos anos. Borchard voltou para a Alemanha e os pastores e presbíteros, sem a sua orientação, não tiveram a necessária capacidade para continuar o trabalho por ele iniciado.(17)

(17) Cf. Ferdinand Schröder, *Brasilien und Wittenberg. Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien* (Berlin e Leipzig 1936), pág. 199-209. Ulrich Hees, *Die*

O assunto: Confissão de Augsburgo, só viria a ser retomado anos mais tarde, especialmente no ano de 1886. Aqui, mais uma vez em São Leopoldo, reuniram-se representantes de comunidades e pastores para criarem um novo Sínodo que passaria à história com o nome de "Sínodo Riograndense". Desta vez o homem que liderava o movimento de unificação das comunidades evangélico-luteranas era também pastor da Comunidade Evangélica de São Leopoldo. Seu nome era Wilhelm Rotermund(18). Para a reunião constitutiva do Sínodo, Rotermund formulara um anteprojeto de estatutos, onde se podia ler, no artigo 2º do capítulo I: "O Sínodo confessa-se, com base nas Sagradas Escrituras, aos símbolos da Reforma Alemã, especialmente à Confissão de Augsburgo, e liga-se em culto, doutrina e disciplina às Igrejas da Reforma". A formulação era bastante semelhante à formulação feita nos estatutos da organização sinodal de 1868. Quando, porém, se chegou a discutir estes estatutos o Pastor Friedrich Pechmann pediu que a expressão "especialmente à Confissão de Augsburgo" fosse abolida, pois nem todos os membros das comunidades reconheciam tal confissão como sendo sua. Os pastores Rotermund e Brutschin foram da opinião de que a "confissão dos pais" deveria permanecer, mas, na votação feita, a maioria optou pela eliminação da formulação. O Sínodo Riograndense ficava com uma base confessional bastante ampla e indeterminada (19).

Onze anos mais tarde chegava a Santa Catarina, mais precisamente à localidade de Estrada da ilha (Inselstrasse), o Pastor Otto Kuhr. Vinha ele como enviado da "Associação Luterana das Caixas de Deus". Este nome, em alemão "Lutherische Gotteskastenvereine", tinha sua origem em Mc 12,41-42, onde é falado do gazofilácio, a caixa de coletas, onde a viúva pobre coloca a sua moedinha. Este nome, "Caixa de Deus Luterana", fora escolhido para denominar uma organização de luteranos alemães que tinha a finalidade de auxiliar comunidades luteranas carentes em todo o mundo.

Anfänge der Kirchenbildung in Rio Grande do Sul, em: Die evangelische Diaspora 39, 1968, pág. 51-70.

- (18) Quanto a Rotermund cf. Erich Fausel, D.Dr. **Rotermund. Ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutchtums in Südbrasilien**, (São Leopoldo 1936). Idem, **Wilhelm Rotermund. Ein deutscher Rufer in Brasilien**, em: An der Front. Evangelische Kämpfer des Deutchtums im Ausland, ed. por Bruno Geissler e Otto Michaelis (Leipzig e Hamburg 1938), pág. 179-199). Idem, **Karl von Koseritz und Wilhelm Rotermund – Zwei deutschbrasilianische Führergestalten**. Em: Hans Joachim Beyer e Otto Lohr (Ed.), **Grosse Deutsche im Ausland, eine volksdeutsche Geschichte in Lebensbildern** (Stuttgart 1939), pág. 137-156.
- (19) Cf. **Die Vorsynode am 19. und 20. Mai 1886 zu São Leopoldo. Provinz Rio Grande do Sul**. Leipzig 1887.

Nos anos de 1877/79 muitos luteranos da Rússia tinham vindo ao Brasil. Sabendo destes luteranos e das necessidades pelas quais passavam, a "Caixa de Deus luterana" sentiu-se conclamada a servir estes irmãos na fé, enviando-lhes pastores. Foi assim que o Pastor Otto Kuhr chegou à Estrada da Ilha em 1897(20). Durante boa parte de sua vida o Pastor Kuhr viajou por Santa Catarina e Paraná reunindo comunidades em torno da palavra de Deus e dos sacramentos. De seu trabalho, trabalho no qual foi auxiliado por outros colegas, surgiu em 9 de outubro de 1905, na comunidade de Estrada da Ilha, o "Sínodo evangélico-luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul". Este Sínodo teve desde o início um caráter confessional bem claro, ele queria ser uma Igreja Luterana. Por isso nós podemos ler em seus estatutos a seguinte formulação: "O Sínodo confessa as Sagradas Escrituras do Antigo Testamento e do Novo Testamento como única regra e norma de fé e vida" e além disso: "todos os escritos confessionais da Igreja evangélico-luterana(21). Desses escritos confessionais fazem parte: O Credo Atanasiano, o Credo Nicenoconstantinopolitano, o Credo Apostólico, a Confissão de Augsburg, a Apologia da Confissão de Augsburg, os Artigos de Esmalcalda, os Catecismos Maior e Menor e a Fórmula da Concórdia.- Este Sínodo, com base confessional clara, desenvolveu-se tendo comunidades em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo.

Em Santa Catarina e no Paraná, porém, ainda existiam outras comunidades que não se filiaram ao Sínodo evangélico-luterano. Estas comunidades que tinham as tradições mais diversas uniram-se a 6 de agosto de 1911, em Blumenau, num Sínodo que se denominou de "Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná". Mais tarde o nome seria: "Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná".(22) A exemplo deste Sínodo surgiu nos dias 28 a 30 de junho de 1912, no Rio de Janeiro, o "Sínodo das Comunidades Evangélicas do Brasil Central", mais tarde denominado apenas de "Sínodo do Brasil Central". Neste Sínodo reuniram-se as comunidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo que não se haviam filiado ao Sínodo Luterano.(23) Nestes dois últimos Sínodos citados a pluralidade confessional dos

(20) Cf. W. Gussmann, *Die kirchliche Versorgung der luth. Deutschrussen in Brasilien*, em: *Der Lutherische Gotteskasten. Organ der verbündeten luth. Gotteskasten*, 14 (1893), pág. 5-20.

(21) Friedrich Wüstner (Ed.), *Lutherische Kirche in Brasilien. Festschrift zum 50 jährigen Bestehen der lutherischen Synode am 9. Oktober 1955*, (São Leopoldo 1955), pág. 6-7.

(22) Cf. Ferdinand Schröder, *op.cit.*, pág. 344-349.

(23) *idem*, pág. 352a.

membros não permitiu uma base confessional precisa desde o início. Aqui, pouco a pouco, o Catecismo Menor de Lutero foi sendo introduzido nas comunidades. Muitas destas usavam, anteriormente, o Catecismo de Heidelberg, catecismo que os imigrantes haviam trazido consigo. Quando o Catecismo Menor de Lutero passou a ser comum a todas às comunidades, também a Confissão de Augsburga foi aceita.

No Sínodo Riograndense deu-se, em 1919, uma mudança significativa. Vimos acima que em 1886 os pais do Sínodo haviam optado por não incluir a Confissão de Augsburga como confissão determinante desta Igreja. No ano de 1919 o pastor da Comunidade Evangélica de Cachoeira do Sul, Hermann Dohms, apresentou, no Concílio Sinodal, a moção, que pedia uma reformulação dos estatutos do Sínodo. Ele próprio os reformulou e nos anos de 1921 e 1922, nos Concílios Sinodais de São Sebastião do caí e Teutônia, os novos estatutos foram discutidos e aceitos. No § 2 destes novos estatutos nós podemos ler: "O Sínodo confessa-se, com base nas Sagradas Escrituras, aos Símbolos da Reforma de Martinho Lutero, especialmente à Confissão de Augsburga e ao Catecismo Menor de Lutero". Essa alteração foi significativa, pois ela preparou a formação de nossa atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil(24).

Nos anos de 1935 e 1938 os presidentes dos quatro Sínodos brasileiros reuniram-se em Santos (1935) e Buenos Aires (1938) com os presidentes das organizações sinodais da Argentina e do Chile. A Igreja Evangélica da Alemanha patrocinara estes encontros para que os líderes desses Sínodos procurassem estabelecer caminhos comuns para o seu trabalho e para que, principalmente, viessem a se conhecer. Aqui os presidentes destes Sínodos reconheceram que suas igrejas tinham algo muito importante em comum: As Escrituras Sagradas, o Catecismo Menor de Lutero e a Confissão de Augsburga. Estes, juntamente com os Credos da Igreja Antiga, formavam sua base confessional.(25)

A Guerra que surgira na Europa impediu novos contatos; mas, finda a Guerra, já desde janeiro de 1946 houve diversos encontros dos presidentes dos Sínodos brasileiros. Seu alvo era a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Sobre a formação de uma Igreja quem decide não é a maioria, mas a fé e a confissão comum. Isso os presidentes dos quatro Sínodos reconheceram. Já

(24) *idem*, pág. 224ss.

(25) Cf. Martin N. Dreher, *Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*, (Göttingen 1978), pág. 202.

em seu primeiro encontro em 1946 constataram: "Todos os quatro Sínodos confessam-se, com base nas Sagradas Escrituras aos Símbolos do Dr. Martinho Lutero, especialmente à Confissão de Augsburg e ao Catecismo Menor de Lutero"(26). Os Concílios Sinodais dos anos seguintes ocuparam-se, seguidas vezes, com a pergunta da união dos quatro Sínodos em uma Igreja. Esta surgiu em 26 de outubro de 1949 com o nome de Federação Sinodal, e deu-se, posteriormente, o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

É importante que reconheçamos que esta Igreja pôde se tornar realidade a partir de uma base confessional definida, onde a Confissão de Augsburg tem uma função destacada.

4.

Observemos uma vez o texto da Confissão de Augsburg. Dando uma rápida olhada, constatamos que a Confissão de Augsburg abrange 28 artigos que estão divididos em duas partes. Na primeira parte (artigos 1-21) deparamo-nos com "Artigos de fé e de doutrina". Eles se ocupam com três questões básicas:

a) Os artigos 1-3 pretendem demonstrar a concordância com a doutrina da Igreja Antiga a respeito de Deus (1), origem do pecado (2) e cristologia (3).

b) Nos artigos 4-6 e 18-20 é apresentada a compreensão reformatória do Evangelho: Justificação (4), ministério da pregação (5, seria mais correto se o artigo fosse intitulado de mediação do Espírito Santo, através de Palavra e Sacramento), nova obediência (6), livre arbítrio e origem do pecado (18-19), fé e boas obras (20).

c) Nos artigos 9-15 deparamo-nos com problemas relativos à Igreja: Conceito de Igreja (7-8), sacramentos (9-13, note-se que aqui a confissão e o arrendimento estão incluídos entre os sacramentos, sem, no entanto, serem declarados sacramentos), ordem e ritos eclesíásticos (14-15).

Além dessas três questões básicas encontramos ainda três questões específicas: autoridades civis (16), segunda vinda de Cristo para juízo (17), culto aos santos (21).

Na segunda parte (artigos 22-28) deparamo-nos com "Artigos sobre que há divergência e em que se trata dos abusos que foram corrigidos": Das duas espécies do sacramento (22), Do matrimônio dos sacerdotes (23), Da missa (24), Da confissão (25), Da distinção de manjares (26), Dos votos monásticos (27), Do poder eclesíástico

(26) Cf. Friedrich Wüstner, op.cit. pág. 22.

(28). No final são abordados, sumariamente, temas como indulgências, peregrinações, excomunhão, etc.(27)

Melanchthon, ao formular a Confissão de Augsburgo, estava preocupado em acentuar os pontos comuns da doutrina e, por isso, deixou de lado algumas questões bastante quentes, p.ex.: o poder do Papa e purgatório. Sim, no final da primeira parte ele chega inclusive a dizer, segundo o texto latino: "toda a diferença de opiniões refere-se a alguns poucos abusos..."(28)

5.

Nós poderíamos agora, facilmente, ficar comemorando este acontecimento de 450 anos atrás que é a Confissão de Augsburgo. Mas, depois da comemoração, o que ficaria? Nós somos chamados à reflexão. Reflexão a partir da pergunta: Será que a Confissão de Augsburgo tem, ainda hoje, um significado para a vida e a fé da Igreja, da IECLB em particular? Ou será que o texto da Confissão de Augsburgo é formado por palavras mortas que não conseguem vencer o vácuo de 450 anos? A resposta só pode ser conseguida a partir de um estudo do texto da Confissão de Augsburgo, relacionando-o com nossa realidade.

Se olharmos a formulação da Confissão de Augsburgo veremos que ela sempre de novo acentua "esta é a súpula da doutrina que se prega e se ensina nas nossas igrejas"(29), ou: "Ensinamos e cremos... unanimemente"(30), "ensinamos do mesmo modo"(31), etc ... Será que isso que a Confissão de Augsburgo acentua ser ensinado unanimemente e crido nas igrejas luteranas do séc. XVI, será que isso é crido unanimemente entre nós? Olhemos uma vez a situação de nossa Igreja. Não vivemos em uma situação de tremenda pluralidade? Penso nos diversos grupos dentro da igreja(32), uns mais engajados na discussão sócio-política, outros voltados mais para uma linha de conversão, outros ainda procurando por novos rumos, a partir das heranças tradicionais, legadas pelos nossos antepassados, dentro da IECLB. Será que todos estes grupos podem dizer, como na Confissão de Augsburgo, "ensinamos unanimemente"? Será que toda a pluralida-

(27) Cf. Heinrich Bornkamm, Art.: *Augsburger Bekenntnis*, em: RGG³ 1, (Tübingen 1957), pág. 735.

(28) Texto latino! Cf. *Die Bekenntnisschriften der evangelisch-lutherischen Kirche*, 2ª. edição (Göttingen 1955), pág. 83c: "Tota dissensio est de paucis quibusdam abusibus".

(29) Conclusão da 1ª. parte, *Die Bekenntnisschriften...* pág. 83c.

(30) Cf. Art. 1 da Confissão de Augsburgo, *Die Bekenntnisschriften...* pág. 50.

(31) Cf. Art. 2 da Confissão de Augsburgo, *Die Bekenntnisschriften...* pág. 53.

(32) Meu colega Joachim Fischer já apontou para este fato. Cf. Joachim Fischer, *A Confissão de Augsburgo - hoje*, em: *Estudos Teológicos* 19, 1979, pág. 9.

de com a qual nos deparamos e confissão luterana? – Se somos sinceros temos que ver que nem tudo o que se ensina e confessa na Confissão de Augsburg é ensinado e confessado entre nós. No artigo 24 da Confissão lemos que "... entre nós a missa é celebrada com muito maior devoção e seriedade do que entre os nossos adversários." (33) Não sei se nós ainda podemos formular isso dessa maneira! Olhemos ainda o artigo 21. Ali lemos: "A respeito da veneração aos santos os nossos ensinam que se deve guardar a sua memória, a fim de que se fortaleça a nossa fé, quando vemos, de que modo obtiveram a graça e, igualmente, como receberam auxílio por sua fé; da mesma forma ensinam que as suas boas obras nos sirvam de exemplo, permanecendo cada qual em sua vocação" (34). Ensinamos assim? Mais complexa ainda fica para nós a situação se dermos uma olhada na Apologia da Confissão de Augsburg que quer ser também sua interpretação. No artigo 11 da Apologia lemos: "... em nossas igrejas muitas pessoas confessam-se não só uma, mas muitas vezes durante o ano, fazendo uso da absolvição e do santo sacramento. E os pregadores, quando ensinam a respeito do uso e do proveito dos santos sacramentos, ensinam de tal maneira que admoestam o povo ardentemente a fazer seguidas vezes uso do santo sacramento." E ainda: "... devem ser expulsos e excomulgados (da comunidade) aqueles que vivem abertamente em pecado, prostituição, adultério" (35). É essa a nossa prática?

Será que ficamos em situação cabulosa diante destes fatos? Creio que não é simplesmente repetindo artigo por artigo a Confissão de Augsburg que "provaremos" ser de "confissão luterana". Acho que é importante lembrarmo-nos de que a Confissão de Augsburg quis, em primeiro lugar, ser interpretação, uma interpretação do discipulado de Jesus Cristo, uma interpretação da confissão básica de todo cristão: Jesus é o Senhor. Inicialmente esta interpretação também não foi escrita para ouvidos luteranos, mas para os ouvidos de Carlos V. Para nós, e para os luteranos através dos séculos, a Confissão de Augsburg tem sido e quer ser uma seta que aponta para a confissão básica. Ela é o braço estendido da Reforma que aponta para Cristo. É nesse apontar para Cristo que a Confissão de Augsburg tem a sua validade, sua grande validade para nós hoje. É por isso que ela inicia, nos três primeiros artigos, com uma exposição daquilo que é comum a luteranos e a todos os cristãos católicos (Deus, origem do pecado, filho de Deus) para, então, partir para aquilo que é o centro da fé reformatória (artigos 4-6 e 18-20).

(33) **Die Bekenntnisschriften...** pág. 91.

(34) **Die Bekenntnisschriften...** pág. 83b.

(35) **Die Bekenntnisschriften...** pág. 250.

6.

É impossível querermos estudar, aqui, todos os conteúdos da Confissão de Augsburg. Ocupo-me, em largos traços, com a concepção de Igreja que encontramos na Confissão de Augsburg. Creio que este tema se torna importante para nós, pois fazem 10 anos que nós nos constituímos como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; depois nós nos encontramos em um crescente diálogo ecumênico, com as mais diversas denominações. Diante deste fato é necessário que tenhamos clareza quanto ao que é Igreja.

No artigo 7 da Confissão de Augsburg lemos, entre outras coisas: "A Igreja é a congregação dos santos, na qual o evangelho é ensinado de maneira pura e os sacramentos retamente administrados"(36). Semelhantemente encontramos no artigo 8 a formulação: "A Igreja é, propriamente, a congregação dos santos e dos verdadeiramente crentes". Segundo estas formulações pastores e servidores eclesiásticos pertencem à Igreja, mas não são, nem constituem Igreja. Igreja é a congregação dos santos. Esta concepção da Igreja como comunhão dos santos está diretamente relacionada com a doutrina da justificação, segundo a qual a primeira consequência da ação salvadora de Deus é a fé. Compreendendo-se Igreja a partir da ação de Deus em Cristo, da ação justificadora de Deus em Cristo, a Igreja só pode ser compreendida como congregação, comunhão dos santos, comunhão dos crentes(37). Lutero diz: Igreja é "um amontoado ou reunião de tais pessoas que são cristãs e santas"(38). Com esta visão de Igreja os reformadores voltaram-se contra a concepção de Igreja como estrutura hierárquica e instituição sacral que encontravam na Igreja Católica de seu tempo(39). Mas eles não quiseram inaugurar uma concepção congregacionalista de Igreja, onde a Igreja é constituída pela união dos crentes e onde a Igreja é, praticamente, carregada pela fé dos crentes. Para a Confissão de Augsburg a Igreja é uma criatura do evangelho: "Ela é a congregação de todos os fiéis, entre os quais se prega o evangelho puro e onde se administram os sacramentos de acordo com o evangelho"(40). Qualquer forma de congregacionalismo, no sentido acima exposto, é expressão de um individualismo religioso e

(36) *Die Bekenntnisschriften...*, pág. 61.

(37) Cf. Ernst Kinder, *Der evangelische Glaube und die Kirche. Grundzüge des evangelisch-lutherischen Kirchenverständnisses*, (Berlin 1958), pág. 80.

(38) WA 50, 632, 15.

(39) Cf. Hubert Jedin, *op.cit.* (nota 3), pág. 11.

(40) *Die Bekenntnisschriften...*, pág. 61.

está em franca oposição ao que é fé. Fé não é algo dinâmico existente em mim e que eu possa provocar em mim, mas é algo que vem de fora, que é provocado em mim pelo evangelho e que me é trazido pelo evangelho(41).

É importante que reconheçamos que a Igreja existe como comunhão dos santos; mais importante, porém, ainda é que reconheçamos que esta comunhão dos santos surge como Igreja, é Igreja, graças ao evangelho. É o evangelho quem determina e quem carrega a Igreja. A Igreja não é uma comunidade que se reúne, mas uma comunidade que é reunida (pelo evangelho). É a voz do pastor Jesus Cristo, o evangelho, que faz da Igreja, Igreja. Por isso a Confissão de Augsburg acentua: "... na qual o evangelho é ensinado de maneira pura...".

Sirvam os traços apresentados até aqui para delimitar a concepção eclesiológica da Confissão de Augsburg contra uma concepção hierárquico-institucional, bem como contra uma concepção congregacionalista de Igreja. Mesmo se, na concepção luterana, Igreja é vista como uma espécie de comunhão de fé, comunhão de crentes, mesmo assim ela não é uma espécie de contrato social, uma comunidade surgida com base em um contrato social. Por isso a Igreja Luterana não procura estabelecer a ortodoxia de sua igreja e as suas normas a partir daquilo que Igreja é em seus membros, mas naquilo que a torna Igreja, i.é, no evangelho que cria Igreja e nos meios através dos quais este evangelho se quer comunicar. Os sinais da Igreja residem justamente aí, no evangelho que cria Igreja e nos meios através dos quais ele se comunica aos crentes. Esta concepção de Igreja está ancorada na doutrina da justificação. Ali a certeza da justificação se encontra naquele que provoca justificação (no evangelho de Cristo) e não no que foi provocado (a fé dos membros)(42).

Como é que Cristo age, juntando e construindo seu corpo? A resposta que a Confissão de Augsburg nos dá é: através da palavra e dos sacramentos. Para compreendermos isso devemos lembrar-nos, mais uma vez, do esquema básico da Confissão de Augsburg. Este esquema segue o esquema básico da confissão cristã trinitária, falando de Deus, do Filho e do Espírito Santo, da história, do plano de salvação divino. A seqüência que nós encontramos, hoje, na Confissão de Augsburg: Deus – Origem do pecado – Filho de Deus – Justificação – Transmissão da justificação (o título do

(41) Cf. Ernst Kinder, op.cit., pág. 82.

(42) Cf. os artigos 4 e 5 da Confissão de Augsburg.

artigo é: Do ministério eclesiástico) – Nova obediência – Igreja. etc... mostra, claramente, a intenção dos reformadores. Eles não conseguem falar de Deus sem falar do homem e de sua perdição (Deus – Pecado original), não conseguem falar de Cristo sem falar da redenção ou da justificação (Do Filho de Deus – Da Justificação), não conseguem falar da apropriação da justificação sem falar da nova obediência (Do ministério eclesiástico – Da nova obediência) e, somente depois disso é que vão falar da Igreja, pois tudo o que veio anteriormente é condição para que possa surgir Igreja. A partir desta seqüência compreendemos também que para a Confissão de Augsburg, aquilo que cria Igreja é também aquilo que cria salvação. A seqüência da Confissão de Augsburg nos mostra que a ação salvadora e redentora de Deus em Cristo não se apresenta ao homem de maneira nua, internamente, mas através de meios externos previstos por Deus: a pregação pura do Evangelho e a administração reta dos sacramentos. É isso que nos diz a Confissão de Augsburg, no artigo 5: "Para que obtenhamos esta fé, foi instituído o ministério que ensina o Evangelho e oferece os sacramentos. Pois a palavra e os sacramentos são os meios pelos quais é dado o Espírito Santo. Ele provoca a fé, onde e quando for do agrado de Deus, naqueles que ouvem o Evangelho: que Deus justifica, não por causa de nossos méritos, mas por causa de Cristo, àqueles que crêem que foram aceitos na graça por causa de Cristo. Gálatas 3: Para que recebamos a promessa do Espírito por meio da fé"(43). Que diz este texto? Ele acentua que Deus não oferece participação na salvação conseguida por Cristo, a não ser por meio destes meios exteriores por ele estabelecidos. Aqui se nega veementemente a possibilidade de que eu possa conseguir minha salvação, ou apropriar-me da salvação através de minha "espiritualidade". Lutero diz a este respeito em outra parte(44): "Por isso temos e devemos permanecer firmes nisto, que Deus não quer agir com nós homens a não ser através de sua palavra externa e sacramento. Tudo, porém, quanto é louvado, sem tal palavra e sacramento, como sendo do Espírito, isso é do diabo." O que forma Igreja não é espiritualidade, não é a determinação de uma pessoa. Deus criou instrumentos para através deles formar Igreja, para através deles deixar que a voz do "bom pastor" reúna a comunidade e a governe.

Desejo que estas colocações sirvam de auxílio no estudo e compreensão da Confissão de Augsburg. Sejamos Igreja que espera tudo da ação de Deus em Jesus Cristo, através do Espírito Santo.

(43) *Die Bekenntnisschriften...*, pág. 58.

(44) *Die Bekenntnisschriften...*, pág. 455s.